

Aprendizagem Cooperativa no Ensino Médio: histórias de quem conviveu com essa abordagem de ensino

*Cooperative Learning in
secondary education: stories
about people who lived this
teaching approach*

Ana Célia Clementino MOURA (UFC)
acmoura27@gmail.com

Dilma Maria de MELLO (UFU)
mello.dilma@gmail.com

MOURA, Ana Célia Clementino;
MELLO, Dilma Maria de.
Aprendizagem Cooperativa no Ensino
Médio: histórias de quem conviveu
com essa abordagem de ensino.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p.
533-549, jan./jun. 2017.

Resumo: A Aprendizagem Cooperativa tem como principal objetivo promover interação entre indivíduos de forma que sua participação no grupo ao qual pertencem seja valorizada e, assim, cada um reconheça a si e ao outro como promotores do conhecimento. É no contexto de interação que os alunos da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, localizada em Pentecoste, Ceará (Brasil), discutem, divergem e aprendem juntos desde 2011. Como advogamos que a Aprendizagem Cooperativa colabora com o crescimento do estudante e este, por sua vez, ao avaliá-la, colabora com a sua aplicação, elaboramos o presente trabalho que busca, por meio de histórias contadas pelos próprios alunos, analisar a contribuição da Aprendizagem Cooperativa para a vida estudantil e pessoal desses alunos que, ao longo de três anos, vivenciam-na em pelo menos dez horas por dia, visto ser a escola de tempo integral. Na escola há quatro turmas: Aquicultura, Informática, Agroindústria e Acadêmica. Para que os alunos redigissem seus posicionamentos críticos, propusemos uma produção de texto, aplicando inicialmente um instrumental, o mapa de ideias, a fim de podermos abordar todos os elementos

da Aprendizagem Cooperativa a serem avaliados. Embora tenhamos aplicado o instrumental com todos os alunos, para este trabalho, selecionamos uma narrativa de cada turma, para compreendermos a contribuição da Aprendizagem Cooperativa para suas vidas. Para refletirmos sobre os posicionamentos, seguimos os princípios da Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2000), visto que seus pressupostos possibilitam expressar como o pesquisador e os participantes vivem, contam e compreendem as histórias vividas. No caso do presente artigo, o que pensamos como pesquisadores entrelaça-se ao que pensam os participantes, alunos do 3º ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Aprendizagem Cooperativa. Avaliação do percurso. Alunos do Ensino Médio.

Abstract: The Cooperative Learning aims to promote interaction between individuals so that their participation in the group is valued and thus each one recognizes themselves and the other one as someone who promotes knowledge. It is in the context of interaction that the students of the State School of Professional Education Alan Pinho Tabosa, located at Pentecoste, Ceará (Brazil), argue, disagree and learn together since 2011. As we understand that Cooperative Learning works with the student growth and the student, in his turn, when evaluates it, collaborates with the application of Cooperative Learning, we developed this study that, through stories told by the students, seeks to analyze the contribution of Cooperative Learning for student and personal life of those students who, over three years, experience the Cooperative Learning on, at least, ten hours a day because this school is a full time one. At this school there are four classes: Aquaculture, Information Technology, Agribusiness and Academic. In order to get the students's critical placements, we proposed them to write a text, but initially we apply an instrumental, the map of ideas, in order to get the opinion about all the five elements of Cooperative Learning. Although we have applied the instrumental with all the students, for this paper, we selected one narrative from each class, to try to understand the Cooperative Learning contribution on the student's lives. We performed an analysis of the positions, and we use Narrative Inquiry (2000), since its assumptions allow express how the researcher and the participants live, have lived and understand the stories. In the present paper, what we think as researchers is deep-seated what the participants, those from high school students, think.

Key-words: Cooperative Learning. Route Evaluation. High School Students.

Aprendizagem Cooperativa na escola pública: uma parceira da Secretaria da Educação e Universidade Federal do Ceará

A formação de professores tem se mostrado uma necessidade constante e considero ser esta uma tarefa complexa, delicada e contínua principalmente em países que ainda estão em busca de consolidar a oferta universal de ensino às suas populações em idade escolar. Como tenho estado constantemente envolvida em formação de professores, vários convites me chegavam a cada nova investida dos órgãos públicos. Nunca desisti de participar, embora em alguns momentos tenha visto que ações estavam sendo replicadas. Sempre entendi que precisávamos, sim, discutir concepção de ensino com professores e sempre considere

importantíssimo que ações de formação envolvessem também os alunos, afinal, eles são os verdadeiros protagonistas do ensino. Talvez tenha encontrado na Aprendizagem Cooperativa um caminho. Minha história com a Aprendizagem Cooperativa começou há pouco mais de quatro anos. Vale rememorarmos.

Estávamos no ano de 2009 e, como sempre, eu investia tempo e esperança na formação de professores... bastava que me convidassem para conversar com professores, lá ia eu. No segundo semestre do referido ano, um aluno da Pós-Graduação me pediu para ministrar uma oficina para professores da rede pública de um município vizinho de Fortaleza. Não hesitei e num sábado saí bem cedo rumo a Pentecoste, um lugar até então absolutamente desconhecido para mim. Lá conversei com professores sobre o processo de ler, de escrever e de ensinar língua portuguesa. Selecionei alguns exercícios e junto com os professores analisava o conteúdo que estava sendo explorado, o objetivo da atividade e os conhecimentos que eram requeridos para sua resolução e que conhecimentos eram desenvolvidos a partir dessas atividades. Minha intenção, na verdade, era incitar os professores a refletirem sobre sua prática. Embora houvesse um projeto de acompanhamento de professores, coordenado por um grupo da Universidade Federal do Ceará, minha participação não passou, na época, de uma ação isolada.

Quase dois anos depois, fui novamente contatada, desta feita, com promessa de um trabalho sistemático com professores do referido município. Estava sendo convidada para compor um grupo que pretendia aprofundar-se nos princípios e nas técnicas da metodologia da Aprendizagem Cooperativa e que, certamente, iria desenvolver trabalhos com os professores. Abriam-se novas portas para realização de um grande sonho, contribuir para o ensino do meu Estado.

Ao longo dos anos de trabalho da atual gestão da Secretaria Estadual de Educação, percebe-se seu investimento em prol da melhoria do ensino público no Ceará, além, é claro, da preocupação com a ampliação do acesso dos jovens à escola e com a elevação da qualidade do ensino. Para alcançar estes objetivos, a atual gestão precisa contar com a participação ativa de estudantes e professores e, indiscutivelmente, das famílias. Eis uma das razões por que se tem investido tanto na promoção e no fortalecimento dos protagonismos docente e discente, visto ter já internalizado que investir no protagonismo talvez seja uma das principais formas para se tentar alcançar o sucesso escolar, sem o qual a ampliação do acesso à escola perderia o sentido. Como forma de implementar o protagonismo docente, a Secretaria de Educação do Estado do

Ceará instituiu o Programa Aprender pra Valer que conta, em uma de suas linhas de desenvolvimento, com as ações do Projeto Professor Aprendiz, cujo principal foco centra-se na busca por: a) incentivar, sob diversas formas, as ações de formação coletiva; b) dar oportunidade ao docente de refletir sobre sua própria atividade; c) incentivar a análise e a elaboração de material didático; d) promover encontros nos quais as práticas de sala de aula possam ser socializadas.

No que diz respeito ao protagonismo discente, tornou-se necessário desenvolver, pelo menos em princípio, uma variante do Projeto Professor Aprendiz, já referido, com vistas a constituir, inicialmente na formação de professores, as condições para o conhecimento, o planejamento, a promoção e o apoio às ações de protagonismo estudantil. Na Aprendizagem Cooperativa, idealizada pelos irmãos Johnson (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 2002), os membros do grupo se ajudam e constroem um clima de confiança uns nos outros para alcançar um objetivo que é do grupo e não de alguns dos membros, ou seja, na Aprendizagem Cooperativa os membros do grupo compartilham um objetivo comum, daí todos participantes devem falar e permitir que os outros também o façam, pois os conhecimentos vão sendo construídos em conjunto. Em suma, cada membro do grupo é responsável por si e pelos outros. Utilizando-se a referida abordagem, a aprendizagem ocorre em decorrência da união promovida entre os alunos que trabalham juntos e criam sua própria situação de aprendizado.

Quanto mais estudava os princípios da Aprendizagem Cooperativa, mais me identificava com a sua filosofia de trabalho, com a sua concepção de partilha em grupo. Construir a sala de aula cooperativa requer uma mudança de postura do professor, visto que, desta feita, pede-se aos alunos que se ajudem uns aos outros, que se sintam e se tornem responsáveis não só pelo seu próprio comportamento e desempenho, mas também pelo comportamento e desempenho do grupo e, especialmente, pelo produto do trabalho do grupo. Assim, para o desenvolvimento das atividades, todos os alunos têm de aprender a pedir opinião, a dar oportunidade aos outros de falar, a contribuir com o grupo. A simples reunião dos alunos em grupos, pedindo-lhes que trabalhem juntos, não resulta por si mesmo em esforços cooperativos.

O uso da aprendizagem cooperativa tem suas raízes na criação da teoria da interdependência social, da teoria cognitivo-evolutiva e da teoria da aprendizagem comportamental. A premissa básica da teoria da interdependência social é que o modo como ela é estruturada determina o modo como os indivíduos interagem, que, por sua vez, determina os resultados. A interdependência positiva (cooperação) resulta em interação promotora visto

que os indivíduos estimulam e facilitam os esforços mútuos para alcançar a meta: aprender. A teoria cognitivo-evolutiva vê a cooperação como um pré-requisito essencial para o crescimento cognitivo; ela flui da coordenação de perspectivas à medida que os indivíduos trabalham para atingir alvos em comum.

Finalmente, havemos de ressaltar que, numa aula, na qual se utilizem as técnicas da Aprendizagem Cooperativa, o papel do professor permanece central, apenas ganha novas dimensões. Nesta abordagem, o professor tem um papel muito importante, o de observador, pois deve estar sempre atento a tudo que se passa dentro do grupo, precisa ouvir e registrar todos os comentários dos participantes, registrar as competências percebidas no grupo e em cada aluno, em particular. Assim, o professor poderá perceber se os alunos estão desempenhando diferentes papéis, aqueles requeridos pela atividade que está sendo realizada. Mas, como avaliar o processo de ensino e a aprendizagem dos alunos, visando à aplicação da Aprendizagem Cooperativa? Eis a questão central do nosso trabalho.

À proporção que o tempo passava, o grupo da Universidade que estudava regularmente a metodologia ficava cada vez mais coeso e comprometido entre si, e nos pareceu o ápice de uma meta, quando o Governo do Estado disponibilizou a escola profissional localizada em Pentecoste, que seria inaugurada em 2012, para que geríssemos a escola juntamente com o grupo gestor. Havia três professores da UFC que exerceriam a função de Conselho Consultivo da escola. Assim, a partir de agosto de 2011, começamos a desenvolver atividades com professores e alunos do município, para que conhecessem a metodologia e a abraçassem e a adotassem.

Ainda em 2011 realizamos a I Semana Estadual de Aprendizagem Cooperativa, evento para o qual recebemos Roger Johnson e David Johnson, idealizadores da metodologia, pesquisadores da Universidade de Minneapolis, nos Estados Unidos, com quem tivemos a oportunidade de interagir ao longo de uma semana. Todos os anos, os dois pesquisadores – Roger Johnson e David Johnson – e sua irmã, Edith Johnson Holubec, oferecem workshops na própria Universidade de Minneapolis. O curso completo consiste em três workshops, o inicial, o intermediário e o avançado. Em 2014 tive a oportunidade de cursar o primeiro deles, embora, na concepção do próprio David Johnson eu estivesse pronta para cursar o intermediário. Preferi matricular-me no inicial, e foi uma experiência única. Pretendo futuramente cursar os dois outros.

No final do ano passado, a primeira turma do ensino médio da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa concluiu seus estudos, o que, para nós, foi muito significativo e gratificante.

Todo trabalho que desenvolvemos na escola é rigorosamente planejado e avaliado. E foi com a curiosidade de saber o grau de significância que a experiência teve para nós e para os alunos da escola que no terceiro ano de atuação na escola, decidimos realizar esta pesquisa.

O presente artigo tem como objetivo investigar como os participantes, alunos de uma escola de ensino médio que vivenciaram a Aprendizagem Cooperativa, avaliam a contribuição desta abordagem de ensino para sua vida pessoal e social.

Nortearam este trabalho questões como: a) como eu e os alunos da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa vivenciamos a Aprendizagem Cooperativa ao longo de três anos?; b) quais foram as contribuições dela para a nossa vida pessoal e social?; c) que aspectos dessa vivência podem ser destacados?; d) que sugestões os participantes nos legam da experiência de viver a Aprendizagem Cooperativa por três anos?

Para desenvolvermos este trabalho, adotamos a Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2000, 2015) como caminho teórico-metodológico da pesquisa, por concebermos que ela nos possibilita conhecer o que pensam os participantes e o que significa para eles a experiência vivida.

Este artigo está organizado da seguinte forma: depois dessa seção introdutória, na qual rememoramos nossa história com a Aprendizagem Cooperativa, discutimos na seção seguinte o percurso teórico-metodológico que buscamos para encaminhar nossa pesquisa, descrevendo os passos e o contexto da pesquisa. Em seguida, narro histórias, a minha, vivida enquanto realizava a pesquisa, e a de quatro participantes, acompanhadas pela composição de sentidos. Finalmente, numa tentativa de tecer algumas considerações finais, retomamos nossas questões para procedermos reflexões sobre a contribuição da Aprendizagem Cooperativa na vida dos indivíduos.

A Pesquisa Narrativa: percurso teórico-metodológico

Conforme disse anteriormente, adotei a Pesquisa Narrativa como caminho da pesquisa porque entendo que, ao contarmos nossas histórias, tanto partilhamos nossas experiências como nos inserimos no mundo. A Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2000, 2015) é ao mesmo tempo método de pesquisa e fenômeno estudado. É fenômeno porque o

objeto de estudo são as narrativas dos participantes; é método porque, quando narramos e recontamos nossas experiências, lembramos nossas vivências e construímos sentidos a partir delas.

Com base no conceito de experiência de Dewey (2011 [1938, 1998]), a Pesquisa Narrativa é um percurso teórico-metodológico cunhado pelos pesquisadores canadenses Clandinin e Connelly (2000, 2015) e tem, no Brasil, representantes como Telles (2004) e Mello (2010, 2013).

De acordo com Mello (2010), a Pesquisa Narrativa permite ao pesquisador e ao participante contarem e ao mesmo tempo compreenderem suas histórias; o pesquisador narrativo, além de buscar perceber o que acontece a olhos vistos, pode interpretar a experiência vivida junto com os participantes de pesquisa.

Defendem Clandinin e Connelly (2000, 2015) que a Pesquisa Narrativa começa com o relato da experiência do pesquisador que vai servir para situar o leitor no tocante ao que lhe motivou desenvolver o trabalho; e, assim, deixar claro o seu interesse pelo assunto.

Acreditamos que optar por adotar a Pesquisa Narrativa se adequa ao nosso trabalho porque não se constitui objetivo nosso elaborar e testar hipóteses; interessa-nos, sim, ouvir os posicionamentos dos participantes, compreender as experiências vividas por nós e pelos alunos da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, localizada em Pentecoste, ao longo dos três anos do ensino médio nos quais convivemos com a Aprendizagem Cooperativa; e conhecer o ponto de vista de cada participante sobre a experiência vivida.

O pesquisador narrativo foca as experiências vividas, ou seja, lança um olhar para trás, para narrar, no momento presente, o da própria contação da história, uma experiência vivida num momento passado. Toda essa narrativa é uma base para pensar o futuro, toda experiência vivida certamente vai exercer influência no futuro dos participantes. Por se estar tratando com histórias vividas, a temporalidade assume papel relevante na pesquisa. Estes participantes, na Pesquisa Narrativa, também são protagonistas, têm a coautoria, visto serem suas as histórias contadas, são suas as experiências compartilhadas. De suas histórias emanam todos os textos de campo da pesquisa e o texto final de pesquisa.

Ora, se a Pesquisa Narrativa tem como foco as histórias contadas, a ação é uma referência indissociável do significado atribuído a cada história; há uma estreita relação entre a ação e seu significado. De acordo com Clandinin e Connelly (2000, 2015, p. 64), “há um caminho interpretativo entre a ação e o significado mapeado em termos de

histórias narrativas”. Portanto, não há como relacionar uma ação a seu significado sem conhecer e compreender as narrativas dos participantes.

Seguindo os parâmetros da Pesquisa Narrativa, concebem Clandinin e Connely (2000, 2015, p. 65) que “cada interpretação deveria ser considerada como uma possibilidade provisória”, ou seja, o pesquisador narrativo procura, em uma perspectiva narrativa, fazer o melhor, levando em conta as experiências, os elementos e as circunstâncias, mas deve sempre estar ciente de que há outras interpretações que poderão, em outros momentos, frente a novas situações, serem desvelados, ressignificados.

Havemos ainda de lembrar outro aspecto não menos importante que os demais: o contexto. Embora o contexto esteja sempre presente, visto ser impossível isolar uma experiência, um evento, o contexto poderia ser qualquer lugar, qualquer cenário, pois, segundo Clandinin e Connely (2000, 2015, p. 66), “no pensamento narrativo, a pessoa em contexto é o que interessa”, ou seja, é preciso localizar a pessoa em seu contexto para compreendê-la. Para compreender a pessoa e sua história, é necessário localizá-la dentro de uma situação contextual, daí o contexto ser sempre temporal, espacial e social.

Voltando os olhos para nossa pesquisa, verificamos tratar-se de um trabalho desenvolvido com alunos de uma escola pública, mas concebemos que suas histórias pessoais vividas antes de estar naquela escola se embrenham nas ali vividas. Tanto as deles quanto as minhas. Tanto as histórias vividas no presente quanto as possibilidades futuras que essa experiência nos proporcionará. Experiências vividas juntas, juntas ou separadas, podem ser ressignificadas.

Histórias vividas no contexto da Aprendizagem Cooperativa

Um homem é sempre um contador de histórias. Ele vê tudo que lhe acontece através delas. E ele tenta viver a sua vida como se estivesse contando uma história.

Jean Paul Sartre

O despertador toca às 4 h 30 min. Levantei, saí e enquanto dirigia para o local em que apanhava o carro da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) que leva a mim e a vários professores a Pentecoste, cantarolava Chico Buarque, aliás, parodiava “toda semana ela faz tudo sempre igual”...

De fato, como é rotina, o carro sai diariamente às 5 h 30 min rumo

a Pentecoste. Embora seja um município relativamente perto de Fortaleza (98 km, uma hora e meia de jornada), a viagem se torna um pouco cansativa talvez por sairmos na madrugada. Nesse dia um dos professores estava um pouco atrasado, e alguém perguntou (acho que só para descontrair, para tornar a espera menos enfadonha até porque, com certeza, já sabia qual seria a resposta): “e aí, vamos ou esperamos?” Imediatamente três pessoas que já estavam acomodadas, rindo, responderam, “somos um grupo cooperativo”. Na verdade, essa frase já se tornou uma ‘frase feita’, uma *lexia*, quase um slogan do grupo, por ser repetida, especialmente em momentos de descontração, mas em situações nas quais precisamos pensar coletivamente. Eu diria... uma brincadeira séria!

Ouvir aquela frase me transportou para a atividade que eu estava pretendo desenvolver com as turmas de 3º ano do Ensino Médio naquele dia. Planejara entrar nas quatro turmas e, com os alunos, avaliar a contribuição da Aprendizagem Cooperativa para a vida deles. Pensei ‘e na minha vida, o que ela significou?’ Achava tão legal sentir-me inserida num grupo que pensa assim, mas, e nas outras situações da minha vida? E para os alunos, será que a Aprendizagem Cooperativa teve algum impacto na vida deles? Meus questionamentos mais pareceram canção de ninar... preferi cochilar e chegar à escola com o sono em dia!

A minha chegada à escola é sempre festiva (será que é porque só vou uma vez por semana?). Na escola, entrei nas salas e, em cada uma, enquanto os alunos produziam suas narrativas, voltava às minhas perguntas iniciais, aquelas preteridas pelo cochilo... agora não mais tinha sono, estava em plena atividade... pensava em mim, na minha própria história de vida, na minha trajetória profissional, nas relações que construí, nos prazeres que senti ao longo da minha vida. Misturavam-se ali a menina que sempre quis ser professora, que calçava sapatos de salto alto da mãe para brincar de ser professora – é, eu tinha um quadro negro (era assim na época! – o termo e a cor) grande que meu pai dera, já alimentando meu desejo – a universitária, estudante do curso de Letras, a professora da universidade e a consultora daquela escola.

Diante dos meus questionamentos, sou levada a reconhecer que aprendi muito vivenciando a Aprendizagem Cooperativa, mas aprendi também que, para sermos cooperativos, precisamos conviver com pessoas que minimamente querem também ser cooperativas; que, pelo menos, estejam dispostas a tentar; compreendi que há muitas variáveis envolvidas para que uma relação se construa com base na cooperação. Num determinado momento, um aluno comentou: “professora, a melhor coisa que aprendi foi a pedir ajuda, porque é um exercício de humildade, a gente está dizendo para o colega que é fraco”.

Imediatamente me assaltou a mente a pergunta: “E para mim, qual o maior ganho, vivenciando os princípios cooperativos?”. Como se assistisse rapidamente a um curta metragem de experiências vivenciadas, eu vi várias cenas serem descortinadas na minha memória. É difícil escolher um só maior ganho, mas creio que um deles foi aprender a lidar com os conflitos. Até pouco tempo atrás, numa situação conflituosa, eu preferia me eximir e me esquivava do embate, talvez porque saber que era pouco paciente e às vezes chegava a ser ríspida com o outro, quando não havia convergência de interesses ou quando considerava serem os argumentos infundados. Hoje me vejo lidando melhor com os conflitos e já houve tanto situações em que meus argumentos preponderaram quanto situações em que aceitei os argumentos levantados pelos outros. Para mim, esse é um dos ganhos que tive com a Aprendizagem Cooperativa.

Em outra sala, uma aluna aproximou-se de mim e falou “professora, por que é tão difícil mudar? A gente até sabe o que é melhor para nós e para o grupo, mas é muito difícil mudar!”. Lembro que a única resposta que consegui dar naquele momento foi: “é porque as pessoas precisam estar dispostas a mudar”. Hoje, contando a experiência, me percebo fazendo o movimento para trás, pois reflito sobre o questionamento da aluna e reconheço estar associado ao que venho pretendendo estudar: a ressignificação das experiências vividas. Talvez, para que as pessoas consigam mudar – pensando na palavra empregada pela aluna –, elas necessitem partir de uma reflexão acerca de uma experiência vivenciada, atribuir-lhe significados, às vezes diferentes, às vezes semelhantes ao atribuído na época em que a experiência foi vivida e, então, projetar outros comportamentos.

Que histórias nos contaram os participantes? Que temáticas priorizaram nas suas narrativas? Que projeções e que ressignificações fizeram a partir das experiências vividas?

A construção dos textos de campo aconteceu em uma aula de 100 minutos em que, usando o Datashow, levantei questionamentos sobre a vivência com a Aprendizagem Cooperativa, ouvia os alunos e parava para que eles tivessem tempo suficiente para ir registrando por escrito suas opiniões.

Embora todos os estudantes das quatro turmas tenham participado da atividade, deixei claro que só teriam os textos incluídos na pesquisa os que estivessem interessados em fazê-lo. Quando propusemos avaliar a vivência que tínhamos com a Aprendizagem Cooperativa na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, a primeira escola no Brasil a adotar integralmente a abordagem de ensino criada pelos irmãos Johnson, da Universidade de Minneapolis, dissemos que os

participantes não precisariam identificar suas produções porque, como já estávamos discutindo em sala, eu não tinha a intenção de voltar a conversar com eles sobre suas avaliações e sugestões. Além disso, o fato de suas histórias serem entregues sem qualquer identificação evitaria que o estudante se sentisse “vigiado” em suas palavras.

Como já esclareci anteriormente, a escola tem quatro turmas (Agroindústria, Aquicultura, Informática e Acadêmica), e esta primeira narrativa foi escrita por um aluno da turma da Informática.

Comecei a viver a experiência da metodologia da Aprendizagem Cooperativa no segundo semestre de 2011, quando a escola ofereceu oficinas para estudantes que pretendiam estudar aqui. Pra mim, era tudo diferente, pois a Aprendizagem Cooperativa é uma nova metodologia que tem objetivo a interação, o estudo em grupo e o compartilhamento de conhecimentos.

Tem muita coisa que faz com que seja importante trabalhar com a metodologia. Ela tem contribuído para a vida de muitos estudantes pois o objetivo é trabalhar em grupo contanto que todos tenham bom desempenho e ajudem o outro a superar as dificuldades. Uma das grandes lições que tirei foi porque aprendi que devemos ter responsabilidade com tudo o que fazemos e cada um fazendo a sua parte. A metodologia influencia positivamente, também, nas relações familiares, uma vez que desenvolvem habilidades para a formação do cidadão, na forma de se relacionar e de gerenciar conflitos. Posso dizer que a Aprendizagem Cooperativa é uma ferramenta poderosa de convívio social, porque ela desenvolve a capacidade de a gente trabalhar em grupo sem ‘atropelar’ o colega.

Estudar com a Aprendizagem Cooperativa é interessante pois ela é capaz de transformar e formar cidadãos que sabem agir profissionalmente e que conseguem trabalhar com pessoas com as quais não de identificam. E é muito importante aprendermos a conviver com pessoas com quem não temos afinidade.

Infelizmente ainda há pessoas que se escoram, que não desempenham seu papel, que são individualistas e prejudicam a equipe. Acho que a metodologia deveria ser implantada em mais escolas porque a partir do momento que cada pessoa souber trabalhar em grupo teremos uma sociedade mais justa e igualitária.

O Governo do Estado e a Secretaria de Educação devem promover oficinas de capacitação para professores de toda a rede pública para que as escolas saibam os benefícios que a Aprendizagem Cooperativa pode proporcionar a toda a sociedade.

Apresento mais uma narrativa, agora de um estudante da Aquicultura.

Antes mesmo de entrar nessa escola eu já participava de grupos que tinham muita semelhança com os grupos da metodologia da Aprendizagem Cooperativa, pois a gente da outra escola se reunia para estudar as disciplinas que estavam difíceis. Era só parecido, porque na verdade, na Aprendizagem Cooperativa, no trabalho em grupo, cada indivíduo tem uma função. No começo, aqui na escola, eu tive muita dificuldade porque eu era muito tímida e achava que as pessoas não iriam gostar de mim. Isso mudou, porque eu vi que as pessoas estão juntas para ajudar mesmo.

Eu acho sinceramente que a Aprendizagem Cooperativa é muito importante, mas ainda acho muito complicado para quem está começando, já que o mundo nos ensina a trabalhar sozinhos, a ser egoístas e individualistas. Só aos poucos é que as pessoas vão aprendendo a respeitar e a valorizar as qualidades do outro; aos poucos o indivíduo aprende a dialogar para resolver conflitos. A gente aprende que precisa relacionar-se para fazer novas amizades.

Uma das coisas mais importantes que aprendi com a Aprendizagem Cooperativa foi aprender a pedir ajuda. Percebi como é difícil a gente pedir ‘socorro’, é como se a gente dissesse pro outro “eu sou fraco”. E isso é muito difícil para qualquer ser humano, admitir sua fraqueza.

Um ponto negativo que percebi ao longo destes três anos foi que os desinteressados atrapalham o andamento dos trabalhos, e isso acaba comprometendo o aprendizado do restante do grupo. Muitas vezes alguns membros do grupo não ajudam, não fazem a sua parte, o que faz com que o grupo não se desenvolva.

Acho mesmo que a Aprendizagem Cooperativa deve ser implementada em outras escolas; ela deve ser implementada como forma de contribuição na formação de cada indivíduo, levando-o a se conscientizar que o respeito e a convivência social vão muito além da vida estudantil. É um aprendizado para a vida toda.

Finalmente, acho que o Governo do Estado deve investir na metodologia nas escolas para formar profissionais qualificados e cidadãos responsáveis. Seria o ideal que se usasse a Aprendizagem Cooperativa desde o jardim da infância, a aceitação do estudante seria mais viável e a criança já ia crescendo com espírito de solidariedade.

A seguir, incluo a narrativa de um estudante da Agroindústria.

O que é a Aprendizagem Cooperativa? Como vivenciei esta metodologia? O que aprendi? Sabe, nestes três anos nunca havia parado para pensar sobre isso.

Na verdade, no começo, não dava muita expectativa boa para mim, era como se fosse mais uma daquelas coisas inventadas que não iriam dar em nada e nem mudar cada um de nós. Mas, como o passar dos meses, ela conseguiu nos mudar e para melhor.

A Aprendizagem Cooperativa é uma metodologia em que o indivíduo aprende e ensina ao mesmo tempo, trabalhando em grupo. Aprendi que se nós, alunos, trabalhamos juntos, aprendemos com mais facilidade. Aprendi a confiar no outro, pois nesta metodologia trabalhamos em grupos cooperativos onde cada um tem uma função, e cada um é responsável por parte do conteúdo. Aquele que não acredita que o colega pode lhe ajudar precisa aprender a confiar no outro. Aprendemos também a cumprir o papel que é confiado a nós porque se não fizermos nossa parte, o grupo todo perde aquele determinado conteúdo que ficou sob a nossa responsabilidade. Isso é muito sério e ao mesmo tempo muito importante, porque a gente cria responsabilidade. Acho que viver a metodologia nesses três anos me ajudou muito na minha vida pessoal, mudei minha postura até fora da escola. Eu me tornei uma pessoa mais solidária e mais responsável.

Um ponto que acho ajuda muito para a gente crescer é o processamento de grupo porque nos ajuda a desenvolver a autocrítica; é na hora do processamento de grupo, no final das atividades, que a gente avalia nosso próprio desempenho, nós analisamos onde falhamos e como podemos melhorar, quer dizer, a gente mesmo tem que ter consciência do erro e consertá-lo. É o máximo do compromisso com a gente mesmo e com o grupo.

Bom, que sugestão eu posso dar? Na verdade, queria que a metodologia da Aprendizagem Cooperativa tomasse conta de todas as escolas do Brasil, porque iria ajudar as pessoas a serem melhores, acho até que diminuiria a violência e a corrupção no país. Não é sonho não; é pura verdade.

Transcrevo, desta vez, a narrativa de um aluno da turma do curso Acadêmico.

Em agosto de 2011, quando me candidatei a aluno da Escola Profissional, conheci a metodologia da Aprendizagem Cooperativa e desde essa época me sinto mergulhado nela. É uma convivência diária; passamos o dia todo na escola e vivenciamos a metodologia em todas as situações e em todos os ambientes da escola. Ela tomou conta do nosso ser, de fato. Quando cheguei nessa escola passei a estudar diferente, ouvir e me comportar diferentemente de antes.

A Aprendizagem Cooperativa é uma metodologia de ensino que aumenta a capacidade do estudante de trabalhar em grupo, de resolver conflitos e de conviver com as outras pessoas. Na Aprendizagem Cooperativa, aprendemos uns com os outros, compartilhando conhecimento e experiências para se ajudarem. É claro que nem todas as pessoas se envolvem no trabalho dos grupos, mas no momento de fazer o processamento do grupo essas pessoas que não participaram vão ter que reconhecer seus erros, vão ter que assumir suas falhas. Acho que esse momento é muito enriquecedor, pois os membros do grupo têm a oportunidade de refletirem sobre sua postura no grupo.

Acho que a Aprendizagem Cooperativa contribui demais para a formação pessoal e profissional dos indivíduos. Tenho certeza que os estudantes dessa escola serão profissionais diferenciados, terão respeito pelos colegas, saberão ouvir a opinião dos outros e saberão conviver com pessoas que pensam de maneira diferente.

Realmente, tenho certeza de que viver a Aprendizagem Cooperativa fez muita diferença na minha vida como na vida dos meus colegas. Acho que as turmas que entraram na escola em 2012 tiveram um privilégio que as outras não tiveram, porque nós vivenciamos quatro meses da metodologia para de fato conhecer a filosofia de trabalho. Seria bom que a Aprendizagem Cooperativa fosse implantada em mais escolas, mas que professores e alunos conhecessem a metodologia e se sentissem preparados para usar a metodologia.

Tendo tomado a decisão de pedir que as narrativas não fossem identificadas, não nos foi possível construir os sentidos do texto de campo com cada um em particular. Apoiamo-nos em Clandinin e Connelly (2000, 2015), defensores de que o pesquisador narrativo não descreve apenas a experiência de outras pessoas, ele também está experimentando algo, portanto, o pesquisador narrativo faz parte do objeto estudado. Assim, os alunos da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, eu, professora-pesquisadora, também vivenciei a experiência e, a partir dela, procurei construir sentidos.

Na seção seguinte, farei considerações que considero relevantes, externo também minhas aprendizagens com a experiência que vivemos ao longo desse tempo. Não posso dizer que são considerações finais porque continuamos a assessoria que damos à escola, ou seja, a experiência na escola continua. Essa vivida nestes quase quatro anos é somente uma parte de um caminho que ainda pretendemos percorrer; e essa discussão sobre o trabalho poderá direcionar nossas decisões futuras.

Aprendizagem Cooperativa: lições para a vida

Ter estado com estes estudantes e com eles ter estabelecido diversos diálogos revelou-se uma experiência extremamente rica. Cada estudante possui sua individualidade que por sua vez dialoga com a individualidade de vários outros estudantes.

Considerando que a perspectiva teórico-metodológica da Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2000, 2015) sugere que fiquemos atentos para os movimentos introspectivos, extrospectivos, retrospectivos e prospectivos e para as transformações que as narrativas das experiências vividas podem proporcionar aos participantes, retomo aqui alguns temas aos quais os estudantes se reportaram em suas narrativas.

Desde o início da pesquisa, era minha intenção ver a contribuição, ou a não contribuição, da Aprendizagem Cooperativa para a vida dos alunos e para a ressignificação das experiências por eles vividas, ao longo de três anos.

No tocante às contribuições, foram ressaltadas as relações familiares, em especial o fortalecimento dessas relações; foi dado destaque para as dificuldades enfrentadas para se vivenciar o trabalho em grupo, quer dificuldades advindas de características pessoais, como timidez; quer advindas de comportamentos adversos a qualquer trabalho em grupo, como o individualismo exacerbado de algumas pessoas e o egoísmo de outros.

Como será que acontecem as mudanças, como se dá a ressignificação das experiências vividas? Acredito que elas aconteçam na convivência com os colegas e são desveladas e reveladas quando novas experiências vão ser vividas. As narrativas dos estudantes trazem comentários explícitos sobre as experiências que sucederam e sobre as mudanças ocorridas no próprio comportamento e no de alguns colegas ao longo de três anos.

Ainda no tocante à ressignificação, é interessante ressaltar o quanto a mudança na abordagem de ensino foi alvo de descrença por parte de alguns alunos. Parece que da escola espera-se sempre uma forma de trabalhar: alunos enfileirados, atividades e avaliações individuais.

Leio e releio as histórias aqui relatadas referentes à experiência de conviver com a Aprendizagem Cooperativa e me percebo vivenciando o que dizem Clandinin e Connelly (2000, 2015, p. 201), sobre o texto final de uma Pesquisa Narrativa:

Os escritores da pesquisa narrativa, sem especificar e sem se limitar, precisam imaginar uma forma para o texto final da tese. Algumas vezes, pode ser possível imaginar alguma coisa específica tal como um documento que tem a marca de um bom texto de literatura de ficção, com personagens bem desenvolvidos, trama e cena. Outras vezes, é possível considerar um ou outro tipo de texto.

Que tipo de textos eu gostaria de produzir para fechar este artigo? Ah, são tantos... queria fazer um poema... queria fazer uma carta aberta aos concludentes do 3º ano... queria escrever um bilhetinho para cada um... queria transcrever o discurso do diretor no dia da formatura... ou o texto do aluno no dia da formatura... eu me decido por escrever sobre minha aprendizagem a partir das experiências vividas e ressignificadas.

Aprendi tanto nesse tempo de convívio com estes estudantes, vi em seus rostos muita curiosidade, vi muita expectativa diante do novo, vi meninos e meninas amadurecendo, vi tantos frutos...

Aprendi que trabalhar com a Educação não é um sonho distante, aprendi que preparar nossos jovens para a vida em sociedade, partilhando saberes e confrontando ideias é gratificante. A Aprendizagem Cooperativa nos dá a oportunidade de, como defende Dewey (2011 [1938, 1998], p. 79): fazer a “conexão entre educação e experiências reais”; a Aprendizagem Cooperativa dá oportunidade a que educador e estudante, juntos, desenvolvam atividades em parceria por meio das quais o jovem se reconheça como parte de um grupo e como responsável pelo sucesso dele e do grupo.

Uma aluna, numa conversa de corredor, declarou sobre o que aprendera nessa escola; ela disse que, com Aprendizagem Cooperativa, aprendemos a respeitar as diferenças, aprendemos a aceitar as opiniões contrárias às nossas; aprendemos que não há limites quando a gente deseja alguma coisa de fato. Talvez seja essa uma das maiores lições que aprendi, não só vivenciando a Aprendizagem Cooperativa, mas também convivendo com aqueles quase trezentos jovens da escola: que somos capazes de realizar nossos sonhos; que, em não realizando um sonho, é possível redimensioná-lo e ressignificá-lo.

Só poderia concluir dizendo da satisfação que é toda semana viajar noventa e oito quilômetros de ida e mais noventa e oito de volta, para acompanhar as atividades dessa escola, não tão distante de Fortaleza, mas com promessa de que é possível se ter uma visão de longo alcance na educação. Além disso, gostaria de concluir deixando claro um dos grandes aprendizados que tive ao desenvolver esta pesquisa

com base na Pesquisa Narrativa: uma das coisas mais curiosas quando pesquisamos com narrativas é a imprevisibilidade, talvez por estarem as narrativas agregadas à memória, e os participantes poderem despir-se de personagens prototípicos e permitirem ser desvelados aspectos pessoais até então guardados, eu diria, na caixa preta da memória.

Aprendizagem Cooperativa e Pesquisa Narrativa me fizeram ver que podemos nos permitir ser transformados a partir de encontros diversos, desde que estejamos abertos para as novas experiências, abertos a sermos impactados com as ideias dos parceiros, abertos para desbastar arestas, abertos para construir novos aprendizados.

Referências

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, M. **Narrative Inquiry**: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

_____. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU – 2a. edição rev. Uberlândia:EDUFU, 2015.

DEWEY, J. **Experiências e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1938/1998] 2011.

DÍAZ-AGUADO, M. J. **Educação intercultural e aprendizagem cooperativa**. Porto: Porto Editora, 2000.

JOHNSON, D. W., JOHNSON, R. T. & HOLUBEC, E. J. **Circles of learning**. Edina, MN: Interation Book Company, 2002.

MELLO, D. M. de. “Pesquisa narrativa: fenômeno estudado e método de pesquisa”. In: ROMERO, T. R. S. **Autobiografias na (re)constituição de identidades de professores de línguas**: o olhar crítico-reflexivo. Campinas-SP: Pontes, 2010.

_____. “**Subversão do currículo e formação de professores: ensinando e aprendendo língua inglesa no Curso de Letras**”. 2013. Disponível em <<http://gpnep.blogspot.com.br/2013/06/blog.post.html>>.

TELLES, J. A. “Reflexão e identidade profissional do professor de LE: que histórias contam os futuros professores? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. vol. 4, n. 2, 2004.

Recebido em: 21 de fev. de 2017.

Aceito em: 13 de jul. de 2017.